

ARTIGO

Recebido em 30 de setembro de 2021
Aprovado em 24 de julho de 2022

A Sociedade Musical União XV de Novembro como Patrimônio Cultural: da prática musical ao arquivo vivo¹

The “União XV de Novembro” Musical Society as Cultural Heritage: from musical practice to the live archive

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v8i1.46743>

Manuela Areias Costa

Historiadora e Professora Adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), no Curso de Licenciatura em História e no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória). Integra o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS-Brasil) e coordena o Fórum em Defesa do Patrimônio Cultural de MS.

E-mail: manuela.costa@uems.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0898-7757>

¹ Dedico esse trabalho à Francisco de Assis Moreira, in memoriam, que passou parte de sua trajetória costurando e ensinando música para crianças e adolescentes. Francisco, mais conhecido como “Sô Chiquinho”, era alfaiate e também professor de música da banda União XV de Novembro. Exímio saxofonista, fazia da oficina de costura, localizada no andar térreo da sede banda, sua sala de aula.

RESUMO

Este artigo propõe reflexões sobre a importância do reconhecimento e salvaguarda das bandas de música brasileiras como patrimônio cultural por meio de uma pesquisa sobre a trajetória da centenária banda da Sociedade Musical União XV de Novembro, localizada no município de Mariana-MG. As sociedades musicais, além de serem protagonistas na produção musical de muitas cidades, desempenham um papel de guardiãs de memórias relacionadas à tradição popular, contribuindo para a formação e afirmação da identidade musical no país. O patrimônio da Sociedade Musical União XV de Novembro é constituído por acervo de partituras, instrumentos musicais, fotografias, estatutos e atas de reuniões, memória de seus músicos e saberes e práticas musicais transmitidos para gerações, reproduzindo e (re)inventando uma tradição comunitária. A banda é uma entidade viva e atuante e, as memórias de seus maestros e músicos, detentores dos saberes de uma cultura musical, bem como seus documentos musicais e musicográficos expressam um patrimônio cultural que precisa ser valorizado, registrado, divulgado e preservado. Em termos teóricos e metodológicos, analisamos uma vasta bibliografia sobre bandas de música e patrimônio cultural e variadas fontes documentais que englobam jornais, relatos de memorialistas, partituras musicais, fotografias e documentos administrativos encontrados no acervo documental da banda União XV de Novembro.

Palavras-chave: Sociedades Musicais. Bandas de Música. Patrimônio Cultural. Manifestação Musical. Arquivo Documental.

ABSTRACT

This article proposes reflections on the importance of recognizing and safeguarding Brazilian music bands as cultural heritage through a research on the trajectory of the centenary band from Sociedade Musical União XV de Novembro, located in the city of Mariana-MG. Musical societies, in addition to being protagonists in the musical production of many cities, play the role of guardians of memories related to popular tradition, contributing to the formation and affirmation of a musical identity in the country. The patrimony of the União XV de Novembro Musical Society consists of a collection of scores, musical instruments, photographs, statutes and minutes of meetings, the memory of its musicians and musical knowledge and practices transmitted to generations, reproducing and (re)inventing a community tradition. The band is a living and active entity and the memories of its conductors and musicians, holders of the knowledge of a musical culture, as well as its musical and musicographic documents express a cultural heritage that needs to be valued, registered, disseminated and preserved. In theoretical and methodological terms, we analyzed a vast bibliography on music bands and cultural heritage and various documental sources that include newspapers, memorialists' reports, musical scores, photographs and administrative documents found in the documentary collection of the União XV de Novembro Musical Society.

Keywords: Musical Societies. Music Bands. Cultural heritage. Musical Manifestation. Document File.

Introdução

Nas paredes, retratos de “pessoas ilustres”, fundadores, diretores, sócios beneméritos, momentos marcantes de apresentações da banda. Entre os quadros pendurados destacam-se as imagens do músico Carlos Gomes e de seu fundador, Gomes Freire de Andrade. Percorrer esse conjunto de retratos emoldurados nas paredes é como mergulhar nos registros da memória da Sociedade Musical União XV de Novembro. A escada de madeira dá acesso ao salão do segundo piso, onde estão dispostos prêmios, homenagens, instrumentos musicais e o acervo documental da banda. Esses registros remetem a “lugares de memória”, relacionados às identidades de seus músicos e da sociedade marianense. O espaço térreo é reservado para os ensaios, que ocorrem semanalmente e são abertos ao público. Assim é o cenário atual do interior de sua sede, situada na Rua Direita do município de Mariana, Minas Gerais.² O prédio de estilo eclético, em virtude das várias remodelações que sofreu, se destaca no cenário da cidade. Nesse espaço físico também se organiza um universo simbólico, no qual a banda deixa de ser apenas um conjunto musical para adquirir as características de um arquivo vivo, no qual expressa sua dinâmica e inserção no espaço social.

Dessa forma, consideramos que essa sociedade musical pode ser vista “como um autêntico lugar de ‘arquivo vivo’, pois ali encontramos a possibilidade de ‘ler’ uma prática musical relacionada a diferentes contextos”, conforme argumentou o antropólogo José Santiago (1997-1998). “Do mesmo modo que se pode perceber que essa herança musical é em grande parte assegurada por um processo de transmissão de um saber que em geral passa de pai para filho, e no qual a oralidade desempenha um primeiro plano” (Ibid, p. 192). Portanto, as sociedades musicais além de serem protagonistas na produção musical de muitas cidades, desempenham um papel de guardiãs de memórias relacionadas à tradição popular, contribuindo para a afirmação de identidades musicais no país. Vinculadas a diferentes momentos de uma comunidade, as bandas de música caracterizam-se por seu aspecto coletivo e integrador. Ao longo do tempo foram elaborando novas práticas e reinventando suas tradições, contribuindo para a construção de uma identidade cultural e legitimação de sua atividade musical.

O patrimônio da Sociedade Musical União XV de Novembro é constituído por acervo de partituras, instrumentos musicais, fotografias, estatuto e atas de reuniões, memória de seus músicos e saberes e práticas musicais transmitidos para gerações por meio da oralidade, reproduzindo, dessa forma, uma tradição comunitária. A banda é uma entidade viva e atuante e, as memórias de seus maestros e músicos, principalmente os anciões, detentores dos saberes de uma cultura musical, bem como seus documentos musicais e musicográficos, expressam um patrimônio cultural que precisa ser reconhecido, registrado, divulgado e preservado.

Quanto à organização do artigo, o texto se divide em três partes. No primeiro tópico discutiremos a história das tradicionais bandas de música no Brasil e em Minas Gerais, a importância dessas manifestações para a formação da memória e identidade musical brasileira e a produção de pesquisas sobre

² Cabe destacar que o município de Mariana possui a chancela internacional de “Memória do Mundo” – programa da UNESCO, que reconhece como Patrimônio da Humanidade documentos, arquivos e bibliotecas de grande valor internacional, regional e nacional – pelo acervo documental do Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana (AHCSM), que está sob a guarda do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O seu conjunto Arquitetônico e Urbanístico é tombado pelo IPHAN, desde 1945, e a cidade é qualificada como Monumento Nacional.

bandas de música. Em seguida, abordaremos a trajetória da Sociedade Musical União XV de Novembro, desde a sua fundação, evidenciando os músicos que a integravam, os instrumentos utilizados, as apresentações da banda e os gêneros musicais executados. Por derradeiro, enfatizaremos as ações patrimoniais para preservação de seu acervo e continuidade de sua prática. Para tanto, analisamos variadas fontes documentais que englobam jornais, relatos de memorialistas, partituras musicais, fotografias e documentos administrativos encontrados no acervo documental da Sociedade Musical União XV de Novembro.

1 História das bandas no Brasil e em Minas Gerais

O campo da produção de música instrumental, ao gosto de uma camada maior de espectadores, foi iniciado mais efetivamente em meados dos Setecentos com “as bandas de música das fazendas” e com a “música dos barbeiros”, chamada “música de porta de igreja” (TINHORÃO, 1972, p.71). Porém, foi no século XIX que o campo da produção musical se constituiu de maneira bastante consolidada “pelas bandas de corporações militares nos grandes centros urbanos, e pelas bandas municipais ou líras formadas por maestros interioranos, nas cidades menores” (Id., 1998, p. 177).

As atividades dos conjuntos musicais do período colonial se concentravam, sobretudo, em torno de eventos religiosos. Diversas corporações musicais surgiram por influência das Igrejas e das Irmandades, como a Irmandade de Santa Cecília,³ a qual procurava beneficiar o grupo de músicos no quesito material e espiritual. Padres eram responsáveis pelo ensino da música nas fazendas e nos conservatórios e, também, os próprios músicos atuavam no processo de transmissão desse conhecimento (Id., 1972, p.75). Segundo Tinhorão (Ibid, p.75), com o passar do tempo, a formação de pequenas orquestras de escravos nas fazendas tornou-se comum. Suas atividades variavam desde tocar em uma simples recepção a um visitante, até em eventos de grande porte, como batizados, missas e funerais.

Na época colonial, o conjunto de instrumentos das pequenas orquestras era composto por trombetas, charamelas, sacabuxas e marimbas. Os chamados “charameleiros” forneceram elementos para a formação das chamadas “bandas de barbeiros”, entre o final do século XVIII e início dos XIX. Esses músicos foram responsáveis pela música instrumental destinada ao lazer público nas cidades. A respeito desses músicos, Manuel Antônio de Almeida (1965, p.88), em *Memórias de um Sargento de Milícias*, fez a seguinte descrição:

Não havia festa em que se passasse sem isso; era coisa reputada, quase tão essencial como o sermão; o que valia, porém é que nada havia mais fácil de arranjar-se; meia-dúzia de aprendizes ou oficiais de barbeiros, ordinariamente negros, armados, este com um pistom desafinado, aquele com uma trompa diabolicamente rouca formavam uma orquestra desconcertada, porém, estrondosa, que fazia as delícias dos que não cabiam ou não queriam estar dentro da igreja.

³ Conforme Maurício Monteiro, o assistencialismo de Santa Cecília foi atípico, pois além de procurar garantir o exercício profissional da música exclusivamente para seus membros, pertencer a ela era mais que se proteger sob a devoção; era possuir conhecimento técnico e estar apto para exercer a música (Cf. MONTEIRO, 2008, p.203).

Apesar da iniciação musical das bandas no Brasil remontar às práticas de conjuntos musicais do Setecentos e início do Oitocentos, grande parte dos autores que se dedicaram às pesquisas sobre bandas de músicas, como Vicente Salles, vincula o surgimento das bandas civis à formação das bandas militares. Para Salles (1985, p.11), o grande impulso dado à formação das bandas militares no Brasil começou com a vinda da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro. As iniciativas de D. João VI no campo da música no Brasil deixaram marcas profundas. Com a chegada da Corte ao Brasil, o tráfego de composições e de instrumentos europeus aumentou. Os compositores e regentes das bandas encarregavam-se de pedir partituras de música vindas de Lisboa e outros lugares. Porém, do estudo e cópia destas, partiam para a produção própria. Ocorreram mudanças no repertório utilizado pelas bandas e transformações estilísticas, aumento da atividade musical profana – representadas, sobretudo pela ópera – e a profissionalização do músico. Além disso, as aulas de músicas passaram a ser ministradas na Capela Real e nos quartéis.

Com a criação da Guarda Nacional, em 1831, iniciou-se a organização de concertos públicos, nos quais os músicos fardados passaram a incluir em seus repertórios, ao lado dos hinos-marchas, alguns trechos de motivos populares e de música erudita, como valsas, polcas, *schottisches*, mazurcas, maxixes e quadrilhas, como demonstra a *Quadrilha Ouro-pretana*⁴ para banda militar, de 1881. Segundo André Diniz (2007, p. 55), as bandas contribuíram para o abrasileiramento de gêneros estrangeiros que aqui chegaram no século XIX. Aos poucos, o público começou a mesclar tais gêneros com os dobrados e as marchas. Dessa forma, esses grupos foram responsáveis pelo cultivo de músicas europeias e pela divulgação de diversos gêneros populares, durante o século XIX.

A partir da primeira metade do século XIX, agremiações civis, matizadas nas bandas militares, começaram a se organizar em diversos centros urbanos, intensificando rapidamente a sua ocupação nas ruas, praças, festas e em outras ocasiões. Conforme argumentou Fernando Binder (2006, p. 126), existem diversas evidências de que as bandas militares atuaram como fatores simbólicos para a difusão da banda de música civil. Segundo Binder (2006), a multiplicação de conjuntos e a atuação contínua em ocasiões festivas ajudaram a criar um *ethos* militar: características militares passaram a ser associadas às bandas de música em geral e, como consequência, às bandas de música civis foram reproduzindo elementos típicos de conjuntos militares. Um dos sinais mais visíveis desta apropriação está nos uniformes, instrumentos e repertórios utilizados pelas bandas civis. Seus uniformes lembram as fardas militares, a instrumentação se associa aos instrumentos utilizados pelas bandas militares, pois possuem a capacidade de projeção em ambientes abertos e podem ser tocados por músicos em movimento, e seu repertório é marcado por marchas (Ibid).

Portanto, não obstante à iniciação musical em períodos anteriores foi somente em meados do século XIX, que o campo da produção musical se constituiu de forma mais consolidada pelas bandas de corporações militares e pelas bandas civis. A banda de música foi considerada com o passar do tempo uma das instituições mais populares no Brasil. Esses conjuntos musicais passaram a ostentar nomes iniciados, em geral, por “Filarmônica”, “Euterpe”, “Lira”, “Associação”, “Sociedade Musical”, “Corporação” ou mesmo “Banda”, e a utilizar trajes que remetiam aos uniformes militares, incluindo os seus tradicionais quepes. Pequenas ou grandes, e em diversos estilos

⁴ Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência. Partitura musical, *Quadrilha Ouro-pretanas*, Ouro Preto, 1881.

como de fanfarra, marcial, de coreto, entre outros, independente da classificação, elas estavam presentes nos momentos sociais mais importantes das cidades, sejam civis, políticos ou religiosos, mobilizando grande parte da população e criando laços de solidariedade.

No tocante à Minas Gerais, após a extraordinária fecundidade da música religiosa no século XVIII, o panorama musical durante o Oitocentos foi se modificando. As corporações musicais acompanharam as mudanças no cenário musical mineiro, transformaram-se e proliferaram-se. Sérgio Buarque de Holanda (1976, p.139) elucida que a chegada de instrumentos manufaturados – tais como tubas, trombones e oficleides – passaram a compor a nova realidade das bandas na região de Minas Gerais no século XIX. No interior das cidades mineiras, principalmente nas regiões agro mineradoras, as bandas cumpriam duas atividades: fornecer música religiosa à Matriz e as demais igrejas e servir de música à população nas retretas aos domingos e dias festivos, não excluindo disso a sua adesão a um partido político, pois “existiam sempre duas bandas rivais, correspondendo uma do partido conservador e a outra ao liberal [...]” (Ibid, p. 401). Com o passar do tempo as corporações de bandas adquiriram casa própria, que agregava um acervo musical contendo desde música sacra até música profana. Esse fato se comprova pela pesquisa de Curt Lange em arquivos de banda. Lange (1979, p.18) conheceu os arquivos das cidades de Sabará, Belo Horizonte, Cachoeira do Campo, Congonhas do Campo e Mariana, e pôde constatar que os seus repertórios eram compostos em grande parte por música sacra, fato que remete a uma prática musical passada.

Em Minas Gerais, as bandas proliferaram-se e tornaram-se uma das principais manifestações culturais de muitas cidades. O estado possui o maior número de bandas e de músicos em relação ao restante dos estados brasileiros.⁵ Muitas bandas existem há mais de cem anos. Importantes instituições musicais, como a Lira São Joanense (1776), da cidade de São João Del Rei, a Sociedade Musical São Caetano (1836) e a Sociedade Musical União XV de Novembro (1901), ambas de Mariana, colaboraram na legitimação e preservação de práticas de bandas de música na região, difusão de uma cultura musical e de vários gêneros musicais, e formação de capacitados músicos. Só no município de Mariana localizam-se onze corporações musicais, destas, nove surgiram antes de 1920.

Entre o final do século XIX e começo do XX, a música tocada pelas bandas também foi apropriada como signo de modernidade, e seus músicos colaboraram na construção e divulgação de uma identidade musical para a nação. Neste período, houve “a criação do mercado fonográfico voltado para as músicas ritmadas e danças sensuais” (SEVCENKO, 1998, p. 37) e iniciou-se a organização de concertos públicos, nos quais os músicos fardados, além de executarem hinos oficiais, marchas e dobrados, contribuíram para a difusão de danças e gêneros musicais populares como valsas, polcas, polacas, *schottisches*, mazurcas, quadrilhas, tangos, maxixes, lundus e chulas. No início do século XX, a banda de música foi a protagonista das primeiras gravações em disco da Casa Edison. Anacleto de Medeiros, o grande mestre do *schottisch* e da quadrilha, e fundador da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio, foi um dos primeiros músicos brasileiros a participar de uma gravação.

Conforme Maria de Fátima Granja (1984, p.10), as bandas reúnem várias gerações de famílias, promovem momentos de integração social, pela magia e prazer que proporcionam, expressam um ritual

⁵ Ver dados apresentados pela Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais (2004) FUNARTE. Disponível em: www.funarte.gov.br. Acesso em: 17 de julho de 2021.

coletivo, no qual manifestam personagens, ritmos, saberes e práticas. Enquanto manifestação cultural, as bandas nos oferecem um universo simbólico e se apresentam como um rico campo de investigação sobre aspectos socioculturais. Desse modo, podem ser objetos privilegiados nos campos da Música, História, Linguística, Antropologia e Educação.

Embora as bandas civis desenvolvam um papel proeminente na construção da memória e identidade da sociedade brasileira, ainda são poucas as políticas públicas implementadas para o reconhecimento e salvaguarda deste patrimônio cultural, como a elaboração de pesquisas, inventários e registros. No campo das pesquisas sobre bandas de música, ressaltamos alguns estudos de memorialistas e pesquisadores que se dedicaram à produção e divulgação de trabalhos, nos quais enfatizaram essa manifestação cultural, bem como seus acervos documentais e suas práticas musicais.

No período anterior à década de 1940 encontramos estudos generalizantes sobre a música brasileira, que associavam as bandas de música como uma manifestação da cultura popular. Alguns memorialistas, folcloristas e estudiosos da música popular cumpriam o papel de contribuir para a construção de uma identidade musical nacional, projeto almejado desde o final do século XIX e início do XX (ABREU, 2010). Guilherme de Mello (1908), que realizou uma pesquisa sobre as cantigas, ritmos e danças populares, argumentava que seu estudo tinha o firme propósito de provar que o Brasil tinha características culturais próprias e uma música propriamente nacional. Na década de 1930 destacam-se as pesquisas sobre a música brasileira de Mário de Andrade, uma das vozes no processo de valorização e defesa das manifestações de cultura popular, ressaltando a importância da documentação etnográfica e audiovisual. Andrade estimulou pesquisas de campo em diferentes localidades do Brasil para registro de manifestações da cultura popular e propôs políticas de patrimonialização das tradições populares, ainda que não tenham sido plenamente realizadas (OLIVEIRA, 2008).

Pioneiro nos estudos envolvendo as corporações musicais do século XVIII e XIX, principalmente da região de Minas Gerais, Curt Lange se aprofundou nas pesquisas sobre a música mineira. Lange desenvolveu pesquisas em vários arquivos de bandas, rastreando cópias de partituras de músicas dos compositores setecentistas. Embora tenha trabalhado com o acervo documental das bandas de música de Minas Gerais, o foco da pesquisa de Lange era a música colonial, não obstante os termos “bandas de música” e “corporações musicais”, presentes na obra do autor, aludissem também aos conjuntos de músicos do século XIX. Desse modo, o musicólogo estabeleceu uma continuidade entre a prática musical mineira setecentista e a oitocentista, afirmando em seu livro *A música em Minas Gerais*, que os séculos XVIII e XIX em Minas foram acima de tudo época das bandas de música (LANGE, *apud*, REZENDE, 1982. p. 54).

Em meados dos anos 70, o jornalista e crítico musical José Ramos Tinhorão, publicou *Música popular de índios, negros e mestiços* (1975) e dedicou um capítulo para “As bandas de música das fazendas”, preocupando-se com as origens da música popular. Observa-se, portanto, que a expressão “bandas de música” foi utilizada de modo amplo para caracterizar formações de conjuntos musicais em longa duração. Assim, os autores buscavam estabelecer uma continuidade entre práticas musicais da época colonial e início do século XX.

A partir da década de 1970 foram produzidos trabalhos mais pormenorizados sobre as bandas de música, que procuraram conceituá-las em suas especificidades. Abandonou-se, assim, o caráter geral do

termo “bandas de música”, presente em obras anteriores. Essa acepção do termo consagrou uma prática musical específica que remonta ao século XVIII, mas que se difundiu na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. No início da década de 1970, o historiador e musicólogo Régis Duprat, ao explorar a temática das bandas de música, iniciou um estudo sobre as bandas do Vale do Paraíba do século XIX (DUPRAT, 2008; 1988). A dupla formação do autor em História e Música acrescentou maior rigor à análise das fontes, principalmente as que não eram especificamente musicais. Duprat observou a incidência da música de bandas, de excelente qualidade, mesclada à música religiosa depositada em vários acervos particulares, vindo a documentá-las, com a ajuda de seu irmão Rogério Duprat, em um trabalho em forma de discos e textos no ano de 1977.

Em 1984, a pesquisadora Maria de Fátima Duarte Granja defendeu a dissertação de mestrado *A Banda: Som & Magia*, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Neste trabalho, a autora realizou uma abordagem antropológica sobre a organização, o significado e as funções da banda de música civil fruto, em grande parte, de sua experiência como participante da equipe do “Projeto Bandas” (GRANJA, 1984). Cabe ressaltar que este é um dos estudos mais citados nas bibliografias de pesquisas que se seguiram abordando o mesmo tema. Outra obra tida como referência bibliográfica fundamental sobre bandas de música é *Sociedades de Euterpe*, do musicólogo Vicente Salles. Publicado no ano de 1985, o livro de Salles narra o importante movimento de bandas no estado do Pará.

No início dos anos 2000, destacamos na área da Música a dissertação de Fernando Pereira Binder, defendida pela Universidade Estadual de São Paulo em 2006, sob orientação de Paulo Castagna. Binder aborda a atuação das bandas militares no Brasil durante o período de 1808 a 1889. Para tanto, parte da premissa de que as bandas militares tiveram duas funções: simbólica, enquanto brasão sonoro da monarquia brasileira, e infraestrutural, subministrando à sociedade civil os elementos necessários a esta prática musical (BINDER, 2006). Já no campo da História, citamos a dissertação de Eduardo Lara Coelho (2011), que propõe investigar como a música foi uma atividade que possibilitou o reconhecimento e/ou ascensão social para muitos mulatos e negros em São João del-Rei no século XIX, atentando para a identificação dos compositores e componentes das orquestras Lyra Sanjoanense e Ribeiro Bastos.

No tocante às bandas de música das cidades de Ouro Preto e Mariana, ressaltamos a série *Lá vem a banda* (1986), publicada pelo Instituto de Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto. Dentre as obras que compuseram essa série, incluem-se os trabalhos de: Aideone Bertussi (1986), Gentil Rocha (1986) e Mônica Vitorino (1986). Sobre a Sociedade Musical União 15 de Novembro, destacamos os trabalhos dos memorialistas Elias Salim Mansur (1951) e Waldemar de Moura Santos (1963). Na área da História, os trabalhos de Clotildes Avelar Teixeira (2001), Heloísa Ferreira (2007) e Manuela Areias (2012) – que analisou em sua dissertação de mestrado, defendida pela Universidade Federal Fluminense sob orientação de Martha Abreu, as práticas musicais da banda da Sociedade União XV de Novembro e seu papel na propaganda política do Partido Republicano em Mariana.

2 A trajetória da Sociedade Musical União XV de Novembro

A banda União XV de Novembro foi criada para divulgação das ideias republicanas, em um contexto de propagação desses ideais. Fontes de época e memorialistas são unânimes em apontar esse papel da banda. Segundo Santos (1963), “nasceu a ‘União XV de Novembro’, para dar vibração aos primeiros

ensaios da nova vida republicana no seio da vetusta cidade, que teve seu líder na pessoa augusta e nobre do Senador Dr. Gomes Freire de Andrade.” A sociedade musical, fundada em 1901, e também apelidada de “a Furiosa”, estava vinculada ao partido político republicano da cidade de Mariana. Conforme o jornal *O Germinal* de 1916, criada em uma época de lutas políticas no município, quando começava a firmar-se a preponderância salutar do deputado Gomes Freire, médico, professor, liderança política local e diretor do Partido Republicano na cidade, a banda foi caracterizada pelo seu caráter associativo e pela identidade política de seus integrantes.⁶

Com a intenção de criar uma banda, Gomes Freire de Andrade reuniu na sua residência os músicos Antônio de Pádua Coelho, José Caetano Corrêa, Augusto Walter, entre outros. Para Santos (1963, p. 18), o objetivo dessa reunião era “discutirem a possibilidade de formação de uma banda de música, cujo principal objetivo seria a integração nas novas forças políticas identificadas com os ideais republicanos”. E assim iniciaram, em agosto de 1901, os ensaios preparatórios da nova associação, criada com o apoio do Partido Republicano de Mariana e da filantropia de algumas pessoas, entre elas músicos e simpatizantes do partido.

Três meses após a sua fundação, a banda e se apresentou no dia 15 de Novembro de 1901, vindo a levar o nome de “União XV de Novembro”, em clara alusão à proclamação da República. Assim, comemorou-se no dia 15 de Novembro daquele ano, o 12º aniversário da República e a criação da banda. Ocorreram festejos acompanhados pela banda “União”, que em um desfile cívico tocou marchas e dobrados patrióticos, encerrando-se as comemorações com uma missa realizada na Arquiconfraria de São Francisco.

A banda ensaiava nas salas das residências dos próprios fundadores. Em 1904, sua sede passou a ser em uma pequena casa na Rua Marechal Hermes, próxima à “Ponte de Areia”, onde manteve a filarmônica por vários anos, até que no ano de 1914, a banda passou a ter uma nova sede social. Em 21 de abril de 1914, no jornal *O Germinal* foi publicada a notícia da doação de um edifício situado na Rua Direita, n.33 (hoje, n. 151) para ocupação da banda, havendo o sócio benemérito Gomes Freire de Andrade feito a doação de parte que possuía no mencionado imóvel. A escritura de transmissão de posse foi assinada pelos “coiós”, integrantes do Club dos Coiós, grêmio recreativo, literário e teatral da época.⁷ O local, que já havia abrigado anteriormente a sociedade literária, encontrava-se em condições precárias, necessitando de reformas urgentes para a transferência da sede. Foram então organizadas festas, rifas, quermesses e sessões teatrais em benefício da reforma.

“Olha a direita! Olha a direita!”, era esse o refrão gritado na época pelas ruas de Mariana, quando passava o bloco carnavalesco formado pela banda “União” (1901), o jornal *O Germinal* (1901) e os sócios do Clube Marianense (Associação Esportiva Marianense Futebol Clube (1912)), legítimos representantes da direita na cidade – termo usado quando se referia aos republicanos (TEIXEIRA, 2001, p. 19). Sobre o papel das associações e instituições (a banda, o jornal, o grupo de teatro *Troupe* União XV, o cinema 15 de Novembro, o Grupo Escolar Gomes Freire, o clube recreativo literário Cláudio Manuel da Costa e o clube de futebol), é relevante destacarmos que o partido republicano de Mariana as utilizaram para angariar voto e promover ideias, contribuindo para que o modelo republicano conseguisse aprovação na cidade.

⁶ Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AEAM. *O Germinal*. Mariana, 15 de nov. 1916, ano. XII, n. 472, p. 1.

⁷ AEAM. *O Germinal*. Mariana, 21 de abr. 1914, ano X, n. 383, p. 1.

Apesar de apresentar um caráter político, não podemos negligenciar a função recreativa dessas associações, marcadas pelo culto do prazer e da alegria. Espalhadas pela cidade, elas se transformaram, junto com outras associações, nos principais centros recreativos da população marianense. As sedes de tais associações eram frequentadas tanto pela população de baixa renda, quanto pela elite de Mariana. Essa composição por diversos setores sociais ajudou a produzir uma atmosfera plurissocial entre os moradores da cidade, estimulando a construção de uma identidade cultural marianense.

Na composição da “União”, exercendo funções musicais na categoria de sócios, incluíam-se o maestro, regente ou mestre de banda, que regia e preparava o repertório; o contramestre, músico experiente e responsável pela afinação da banda, podendo ser auxiliar ou substituto do mestre; os músicos instrumentistas e os aprendizes que estavam iniciando. Na dinâmica interna da banda operava uma diretoria responsável pelas funções administrativas da sociedade. Essa diretoria era composta por um presidente, que convocava as reuniões, decidia a data e o local das apresentações, adquiria, quando possível, novos instrumentos e partituras, autorizava pagamentos, entre outros. Ainda faziam parte um secretário, responsável por organizar e guardar o arquivo da banda e substituir o presidente nas suas faltas; um tesoureiro, que realizava pagamentos; um procurador, que possuía a função de receber as contribuições mensais dos sócios e um conselheiro, que emitia pareceres sobre aceitação de convites para toques e compras de instrumentos (Cf. MANSUR, 1951, p. 40).

A maioria dos músicos da banda “União” exercia atividades de pedreiros, como no caso do músico Augusto Walter, escrivães, operários de fábricas, artesãos, barbeiros e militares. Só poderia participar da banda quem estivesse do lado do partido. É interessante observar que a própria banda era uma escola que explorava a linhagem familiar.⁸ Quanto aos maestros que passaram pela banda União XV de Novembro, no período entre 1901 a 1930, se destaca seu primeiro professor e maestro, o músico negro Antônio Miguel de Souza. Segundo *O Germinal* de 1915, o regente “Lecionou música em diversos distritos de Mariana, vindo para esta cidade em 10 de outubro de 1901, fundar e assumir a regência da Sociedade Musical União 15 de Novembro, cuja inauguração foi realizada nos seguintes mês e dia que lhe dão o nome”.⁹ Além de ter participado como maestro de várias bandas, de ter sido exímio clarinetista e de ter composto várias músicas, Souza exerceu a atividade de juiz de paz, alcançando respeito e admiração dos habitantes de Mariana, vindo a falecer em primeiro de setembro de 1915. De sua descendência, sabemos que seu filho Francisco de Assis Souza, participou como músico da banda “União”. Desse modo, percebemos que a herança cultural de uma prática musical de banda foi assegurada por um processo de transmissão de saber, que em geral passou de pai para filho, de comum ocorrência no ambiente das bandas.

Os mestres de banda são verdadeiros guias, atuando também como regentes, compositores, copistas e arranjadores. É notável que Antônio Miguel compôs músicas de vários tipos, executando uma cultura musical variada e divulgando, dessa maneira, uma série de músicas estrangeiras mescladas com elementos brasileiros. Os documentos mencionam o seu lado compositor e, além disso, Antônio Miguel foi dono de

⁸ Um dos integrantes da banda “União”, Luiz Coelho Neto, descendia da família do renomado músico setecentista Marcos Coelho Neto, que atuou ativamente na Vila Rica (atual Ouro Preto) entre a segunda metade do século XVIII e as primeiras décadas do XIX. O antigo patriarca dos Coelho Neto era um músico envolvido com o suprimento de serviços musicais em cerimoniais da Câmara, das irmandades e da Casa da Ópera (Cf. PRECIOSO, 2011, p. 9).

⁹ *O Germinal*. Mariana, 31 de set de 1915, ano XI, n. 434, p. 2. AEAM.

um acervo musical que permeou os principais ritmos do início do século XX, tornando-se fundamental para a fixação e divulgação de uma variedade de gêneros musicais.

Entre as composições do maestro destacam-se *Lamento de um Proscrito* (dobrado), *Dobradinho* (dobrado), *1º de Janeiro* (dobrado), *Conde de Monte Cristo* (dobrado), *Dobrado n.19* (dobrado), *Cidade de Mariana* (hino), *Sociedade Musical São José* (hino) e *Moura* (tango).¹⁰ Os maestros e músicos da banda encomendavam partituras da cidade do Rio de Janeiro e São Paulo, além de manterem contato com músicos, compositores e instrumentistas de outras regiões, como demonstra o dobrado *Quatro de Paus*, de Júlio César do Nascimento (São Paulo, 1914), com o carimbo da loja de instrumentos musicais Pedro Weingrill e Filhos (SP) e a polca *Nova Câmara*, de João Pedro de Freitas, distrito de Cachoeira do Brumado (Mariana, 1904).¹¹ Da mesma forma que houve a grande circulação de produtos e ideias, o comércio de partituras, as revistas e os jornais se proliferaram no município por intermédio do transporte férreo.

Era na mudança e escolha de repertório que se estabeleciam novos contatos e ligações com bandas de outros distritos e cidades, que trocavam partituras entre si na tentativa de aprimorar as composições da banda. As composições musicais nos oferecem a oportunidade de rastrear um determinado tipo de gosto e prática musical de uma época e de um lugar. Assim como em outras bandas, no repertório da “União”, de maneira geral, predominavam os dobrados, hinos, marchas, tangos, maxixes, polacas, polcas. Músicas compostas pelo maestro Antônio Miguel de Souza, como o dobrado *XV de Novembro*, o tango *Coiós*, a variação *Dr. Gomes Freire* e o *Hino de Mariana*, além de várias marchas patrióticas, faziam parte de seu repertório. Além das composições do maestro, encontramos no acervo da banda partituras de diferentes gêneros, como a mazurka *Bagatelle* (s/d), a quadrilha *Arrasta o pé Juliana* (1901), o maxixe *Forró na Rua Direita* (1924), o cateretê *Tudo passa* (s/d), a polca *Doda* (s/d), entre outros.¹²

A partir da análise de jornais como *Rio Carmo* – que em 1905 passou a ser denominado de *O Germinal – Agulha e O Espeto*, averiguamos que a banda tocava em retretas, carnavais, procissões, quermesses, passeatas, prestava homenagem a diretores, associados e, sobretudo, mais da metade de suas apresentações era destinada às comemorações cívicas, como o aniversário da Proclamação da República, Dia da Pátria, Dia da Cidade, contagiando o público com marchas e hinos patrióticos.

Consideramos que, mesmo nas apresentações da banda em festas religiosas, o caráter cívico esteve presente. Naqueles primeiros anos da República, as festividades de rua transformavam-se num importante espaço para divulgar uma cultura política propagada por membros do Partido Republicano. Os usos políticos das várias manifestações culturais/artísticas, como as bandas de música, foram muito significativos, sobretudo no final do século XIX e início do século XX. Coretos e ruas foram usados como cenário de difusão de ideias, que tinham como fio condutor a música. De acordo com *O Germinal*, “a banda União XV de Novembro participou de uma retreta realizada no dia 15 de abril de 1917, quando se reuniram no jardim municipal numerosos patriotas.”¹³ Dessa forma, os *meetings* e as demais manifestações públicas realizadas pelo Partido Republicano, com a finalidade de propagar os variados projetos republicanos, utilizavam as bandas e a música de forma geral como canal de difusão política.

¹⁰Arquivo da Sociedade Musical “União XV de Novembro”. Partituras.

¹¹Ibid.

¹² Ibid.

¹³ AEAM. *O Germinal*. Mariana, 21 de abr. de 1917, ano XIII, num. 483, p.1.

O hino nacional, um dos símbolos patrióticos mais evidentes durante o período, era entoado em todas as apresentações oficiais, bem como outras canções que exaltavam o patriotismo. Assim, a bandeira e o hino eram venerados durante as cerimônias públicas. A Câmara Municipal fornecia recursos para a realização das festas. As apresentações da banda União XV de Novembro constituíam-se num verdadeiro “palco” para os republicanos, principalmente porque contavam com a presença de autoridades civis e de boa parte da população. No registro fotográfico abaixo (Figura 1), observamos os integrantes da banda posando para foto em frente à Câmara Municipal de Mariana, lugar onde o conjunto sempre se apresentava a convite de autoridades.

Figura 1 – Fotografia da Sociedade Musical União XV de Novembro em frente à Câmara Municipal de Mariana (1903)



Fonte: Acervo da Sociedade Musical “União XV de Novembro.

Era comum a banda “União” se apresentar em frente à casa do deputado Gomes Freire de Andrade, na Praça da Independência (atual Praça Gomes Freire), prestando homenagem e erguendo “vivas” ao Partido Republicano, incluindo em seu repertório, hinos e composições próprias como a variação *Gomes Freire*, composta pelo maestro Antônio Miguel. Segundo *O Germinal*, de 1916

No domingo passado, a banda de música “Quinze de Novembro”, criada em data memorável pelo município, lacerado então por politicagem, visitou o ilustre parlamentar, acompanhada de representantes de todas as classes sociais; fidalgamente recebida, a corporação musical executou diversas peças do seu variado repertório, sendo servido um profuso copo de cerveja.¹⁴

Do mesmo modo que a banda tocava em festas ligadas ao civismo e à política, participava de festas religiosas. Tais elementos também estavam presentes durante as apresentações religiosas, como nas festas

¹⁴ AEAM. *O Germinal*. Mariana, 25 de mai. de 1916, ano XII, num. 462, p.1.

de santos e nas quermesses. É preciso ressaltar que a banda “União” sempre esteve ligada às atividades sociais de sua cidade, incluindo as de caráter religioso. O fragmento seguinte, do jornal *Agulha*, de 1923, descreve a participação da banda em retretas que aconteciam nas praças públicas da cidade, geralmente aos domingos.

A “União 15 de Novembro”, a sempre correta banda de música, sempre pronta a abrilhantar as festas da terra com seu vasto e escolhido repertório, fez mais uma apreciada retreta na Rua Direita. Dos números executados agradaram muitíssimo a “Polaca” de Antonio Miguel, “Quarteto de Damazio” e a valsa “Emengarda”. À “União”, (o jornal *Agulha*) cumprimenta e pede que continue a alegrar a Rua Direita aos Domingos.¹⁵

Os jornais evidenciam participações da banda em diferentes comemorações, como no Carnaval, na Festa de São Roque e no dia 1º de Maio. O jornal *Agulha*, refere-se à apresentação da banda “União” durante o carnaval do ano de 1924: “Os clubes e blocos estão se preparando para fazer todos no tríduo do Momo. [...] Tocarão na Rua Direita em dois coretos que ali serão armados, as bandas musicais ‘União 15’ e ‘São José’, que estão preparando vasto e lindo repertórios de tangos e músicas carnavalescas.”¹⁶ Já *O Germinal*, descreve a participação da banda “União” durante a Festa de São Roque: “No domingo teve lugar a festa que constou de missa cantada, e a tarde procissão que percorreu as principais ruas da cidade com grande acompanhamento de povo, tocando a ‘União 15 de Novembro’ lindas marchas [...]”¹⁷

Por fim, constatamos a participação da banda em festejos do Dia da Cidade, aniversário de Mariana. Conforme o periódico de 1931, “em comemoração a data 16 de Julho, aniversário da cidade de Mariana, a Banda Musical ‘União XV de Novembro’, sob regência do maestro Jorge Marques da Silva, executou magnífico programa.”¹⁸ Na ocasião, a banda se apresentou em retreta na Praça Gomes Freire, executando o hino nacional e o hino de Mariana, composto por Antônio Miguel de Souza, inspirado na letra de autoria do poeta marianense Alfonsus de Guimarães.

Quanto aos primeiros instrumentos musicais da banda “União”, estes foram adquiridos na antiga corporação musical, que pertencera ao Partido Conservador, no tempo da Monarquia. Segundo Mansur (1951, p. 31), a compra efetivada no ano de 1901 atingiu o montante de trezentos mil réis. Desse modo, passaram ao domínio da associação, os seguintes instrumentos: clarineta (1), requinta (1), saxofone (1), flautim (1), pistão (1), bombardino (1), trombone (1), barítono (1), ofclides (1), baixo (1), contra-baixo (1), alto mi b (1), trompa(1), triângulo (1), tarol (1), bombo(1), pratos (1 par).

Com o passar do tempo, o *corpus* instrumental da banda foi se renovando por meio de empréstimos feitos aos sócios contribuintes e diretores. Conforme argumentou Mansur (1951), vencida a batalha da casa própria, voltaram-se as atenções para outra iniciativa relevante: o uniforme. Em relação à uniformização da banda União XV de Novembro, na ocasião da sua fundação seus músicos trajavam vestimentas civis. Os uniformes foram confeccionados somente em 1922. Foi atribuída à “Alfaiataria Santos”, a confecção do primeiro fardamento de lã azul marinho, botões dourados e lista lateral verde, um quepe com pala de couro da cor preta, trazendo explícitas referências patrióticas. Cada conjunto custou cerca de oitenta mil

¹⁵ AEAM. *Agulha*. Mariana, 13 de agost. de 1923, p.2.

¹⁶ AEAM. *Agulha*, Mariana, 20 de fev. de 1924, p.2.

¹⁷ AEAM. *O Germinal*. Mariana, 22 de agost. de 1916, ano XII, num. 463, p.1.

¹⁸ AEAM. *O Germinal*. Mariana, 03 de jul. de 1931, ano [s/a], num. [s/n], p.2.

réis (MANSUR, 1951, p. 19). A estreia de seu primeiro fardamento aconteceu nas festividades do 21º aniversário da banda e 33º da República brasileira. De acordo com *O Germinal*, de 1922:

A chuva obstinada que caiu durante todo o dia 15 de novembro não permitiu que a “União XV de Novembro”, seguisse à risca o programa das festas, que havia organizado, para comemorar a passagem do 21º aniversário da banda [...]. A “União XV de Novembro” apareceu, nesse dia, uniformizada com o uniforme azul-marinho adquirido ultimamente, o qual dava um aspecto atraente e distinto aos músicos. Este melhoramento, de que está dotada a corporação, prova a boa vontade e o denodo no trabalho por parte de seus sócios, que envidam todos os esforços no sentido de vê-la a par das outras sociedades de igual natureza, das cidades adiantadas [...].¹⁹

No registro fotográfico de 1939 (Figura 2), todos os integrantes da banda estão uniformizados, com quepes na cabeça e postura hirta, remontando alguns elementos de corporações militares. Nota-se a presença da bandeira nacional e de pessoas ilustres da cidade, provavelmente políticos e patrocinadores da banda.

Figura 2 – Fotografia da Sociedade Musical União XV de Novembro, 1939



Fonte: Acervo da Sociedade Musical União XV de Novembro.

3 Ações e políticas patrimoniais

Entre as ações patrimoniais executadas a partir dos anos 2000, para a difusão da tradição musical e preservação da memória da Sociedade Musical União XV de Novembro, constam programas de incentivo aos seus músicos, de organização do arquivo documental da banda, de registro audiovisual e fonográfico e de educação patrimonial. Portanto, essas medidas visaram garantir a visibilidade do seu patrimônio, a divulgação e a preservação do acervo da banda, assegurando o processo de transmissão dos saberes e práticas musicais.

Até meados do século XX, algumas sociedades de bandas de música não tinham o costume de manter um arquivo documental próprio em sua sede e, por essa razão, muitos registros de suas práticas

¹⁹ AEAM. *O Germinal*. Mariana, 20 nov. de 1922, ano [-], [-], p.2.

musicais ficavam guardados nas casas dos mestres e da diretoria, ganhando um âmbito privado. Entre a documentação da banda era possível encontrar correspondências diversas, fotografias, catálogos de instrumentos musicais, revistas e partituras musicais de variados gêneros (missas, ladainhas, maxixes, dobrados, valsas, tangos, polcas, lundus e modinhas), estatuto e atas de reuniões. Assim, até pouco tempo atrás, os documentos das sociedades musicais de Mariana, além de se encontrarem espalhados em diversas localidades, estavam desorganizados e acondicionados de forma precária. Dessa forma, partituras de antigos mestres, que marcaram a trajetória musical de Minas Gerais, fotografias, atas de reuniões e outros documentos, corriam o risco de desaparecer (Cf. IPHAN, 2009, pp. 39-40).

A Sociedade Musical União XV de Novembro, ao completar cem anos, em 2001, foi contemplada com um projeto de organização e preservação documental. O trabalho de higienização, organização e catalogação de seu acervo foi realizado sob a supervisão da historiadora Clotildes Teixeira. Em 2008, o “Programa Monumenta” – programa estratégico do Ministério da Cultura, implementado em cidades históricas protegidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – aprovou o projeto “Para Ver a Banda Tocar – Educação Patrimonial em Mariana”, apresentado pela “Historiarte Projetos Culturais e Artísticos”, em parceria com a prefeitura (Ibid, p. 40).

O projeto visava o ordenamento da documentação das bandas entre outras ações. A proposta foi inserir a comunidade como a principal responsável pela manutenção do seu patrimônio cultural. Assim, tal atividade ficaria a cargo das corporações musicais, que indicariam alguns de seus membros para participar de um curso de arquivística e de conservação de papéis. As ações implementadas no projeto tinham como objetivo o resgate da história das bandas, a produção de um videodocumentário e de uma cartilha, materiais que serviriam como instrumentos didáticos em projetos de educação patrimonial na rede de ensino do município (Ibid, p. 40).

O projeto “Para Ver a Banda Tocar” iniciou-se em setembro de 2008,

com reunião de representantes das bandas e a equipe responsável, coordenada por Clotildes Teixeira. Nesse encontro ficou definido o calendário de visitas às sedes das corporações musicais para a coleta de documentos, gravação de entrevistas e outras imagens – material para o vídeo e a cartilha de educação patrimonial. Os trabalhos de campo terminaram no final desse mês. Ainda em setembro, no curso dirigido por Ana Paula Malafaia, historiadora e restauradora, dois membros de cada banda aprenderam como fazer pequenos reparos e a cuidar de partituras, fotografias e demais papéis, para que a memória das associações seja preservada (Ibid, p. 41).

No decorrer da implementação do projeto comprovou-se que na maior parte das corporações já havia sido iniciado o processo de higienização e organização dos documentos e partituras. Muitos músicos que participaram do curso ministrado por Malafaia ensinaram as técnicas aprendidas aos colegas, acelerando o processo de organização do acervo documental das bandas. Além da organização do arquivo da banda União XV de Novembro e de outras bandas, a equipe do projeto produziu um filme e elaborou uma cartilha educativa, que explica o conceito de patrimônio histórico, conta como as bandas surgiram no Brasil e apresenta a trajetória de cada corporação marianense. A Sociedade Musical União XV de Novembro também participou do programa “A banda vai à escola e a escola vai à banda”, com a finalidade de promover uma aproximação e o intercâmbio entre os músicos da banda e as escolas públicas do município (Ibid, p. 47).

Uma importante iniciativa, que partiu dos integrantes da corporação foi a publicação do jornal *A Banda em Destaque*, sendo o seu primeiro número lançado no dia quinze de novembro de 2005, quando a banda completou 104 de existência. O expediente informativo é formado pelo jornalista Gustavo Nolasco Barcelos, pelo músico Amadeu da Silva, pela professora Hebe Maria Rola Santos e por diversos integrantes da banda. Esse informativo teve com o intuito não só comemorar o 104º aniversário da Sociedade Musical, mas também relatar a trajetória da banda e parte da História de Mariana, a qual a banda de música está associada (FERREIRA, 2007, p. 19). A banda União XV de Novembro possui um *website*,²⁰ no qual comportam *links* relacionados às edições do jornal, aos seus integrantes, ao acervo

documental da banda, à memória e história da sociedade musical, às fotos e aos vídeos de apresentações e de músicos da banda, do passado e do presente. O *website* se apresenta como uma ferramenta de pesquisa, repositório de fontes ou novo meio para divulgação da história e notícias associadas à banda. Em 2020, em comemoração aos 119 anos da banda, seus membros e colaboradores produziram o trabalho *Encontro com a União – um olhar para o Passado, Presente e Futuro*, em formato de revista eletrônica.²¹ Esse produto, disponibilizado nas redes digitais, assim como o *website*, garante uma dimensão pública, pois possibilita um público amplo ler e ouvir sobre a história da banda por meio de entrevistas e materiais selecionados e elaborados pelos próprios detentores do patrimônio cultural, no caso os músicos, diretores e demais membros da “União”.

A historiadora Heloísa Ferreira (2007) pesquisou a Sociedade Musical União XV de Novembro, com o objetivo de oferecer subsídios para criação de um “Centro de Memória Musical União XV de Novembro”. Tal “Centro” teria a finalidade de preservar e difundir a memória musical da banda, enfatizando seu caráter sociocultural. A partir do levantamento do arquivo da banda, como instrumentos e partituras, Ferreira iniciou o projeto de catalogação de parte do acervo visando sua organização, conservação e maior acessibilidade. Para tanto, foram criadas fichas de inventários para cadastro de cada tipo de instrumento que compõe a banda, tomando como referência as fichas de inventário do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA) e do Museu Mineiro.

Quanto à catalogação das partituras musicais da sociedade musical, a planilha elaborada para essa finalidade teve como referência a ficha de inventário dos manuscritos musicais do Arquivo Histórico Monsenhor Horta, hoje Arquivo Privado São Caetano,²² elaboradas por José Arnaldo Coelho de Aguiar Lima. “Tal processo tem como intuito montar um arquivo com todas as partituras utilizadas pela banda, a fim de preservá-las, pois muitas dessas partituras não possuem cópias, e grande parte de seus autores e arranjadores já faleceram” (FERREIRA, 2007, p. 35).

As partituras musicais que compõem o acervo da banda trazem vestígios daqueles que as fizeram – músicos e/ou copistas inseridos no universo musical –, informações sobre as ocasiões em que se apresentou, o tipo de instrumento utilizado e os gêneros musicais reunidos no seu repertório. Esses aspectos contribuem para a construção do quadro das atividades musicais em Minas Gerais. É indiscutível

²⁰ Ver *website* da banda União XV de Novembro.

Disponível em: <http://www.uniaoxvdenovembro.com.br/jornais/jornal>, Acesso em: 17 de julho de 2021.

²¹ Ver documentário *Encontro com a União – um olhar para o Passado, Presente e Futuro*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s6tclRXXQvw>, Acesso em: 27 de setembro de 2021.

²² O Arquivo Privado São Caetano encontra-se atualmente em Mariana, no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

o valor histórico deste acervo por guardar parte da memória social de Mariana e de Minas Gerais. Seus registros musicais oferecem um vasto campo de pesquisas para História Social, Musicologia, Linguística e outras áreas do conhecimento. A análise dos documentos referentes à banda da União XV de Novembro pode fornecer indícios importantes sobre aspectos socioculturais e políticos. Diversos dados expressos em documentos e práticas musicais nos informam como foram constituídas diferentes identidades no quadro social local e regional.

Como argumentou Ferreira, “ao inventariar os bens que compõe a banda haverá uma contribuição para a política do patrimônio, que se responsabilizará pela divulgação e preservação do acervo da banda” (FERREIRA, 2007, p. 27). A organização e preservação desse acervo deve contribuir para democratizar o saber, oferecer maior acesso ao conhecimento acerca desse bem cultural e incentivar a comunidade a participar dos processos de patrimonialização de seus bens, estimulando mobilizações reivindicatórias em prol da implementação de políticas públicas voltadas para a salvaguarda da banda.

A política de preservação do patrimônio no Brasil caracterizou-se, durante muito tempo, pela ênfase no patrimônio material, como edificações e conjuntos arquitetônicos, e pela valorização dos padrões artísticos, arquitetônicos e estéticos europeus. A ampliação da noção de patrimônio, fruto de longo debate histórico iniciado por intelectuais como Mário de Andrade e pelos movimentos sociais, é assegurada na formulação da Constituição de 1988, artigo 216: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referências à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988). Se os patrimônios culturais do Brasil de “pedra e cal”, como as cidades históricas e as construções barrocas, demandam preservação e valorização, as expressões imateriais de tradição popular, precisam ser reconhecidas e valorizadas.

A Constituição Federal abriu caminhos para o reconhecimento do patrimônio imaterial, efetivado pelo Governo Federal a partir do ano 2000 por meio do Decreto 3.551, que instituiu o “Programa Nacional do Patrimônio Imaterial”, considerando o registro como um instrumento de reconhecimento e valorização do patrimônio imaterial. Desde a criação deste programa ocorreu uma valorização das manifestações culturais populares, incluindo as formas de expressão, os saberes e as celebrações transmitidos de geração em geração por diversos grupos da sociedade brasileira. Como resultado desse movimento seria possível identificar e registrar um número significativo de expressões culturais populares.

Em Minas Gerais, a partir do ano de 2004, o IEPHA realizou o primeiro registro de bem imaterial no Estado, referente ao modo de fabricação artesanal do queijo na região do Serro e, posteriormente, no ano 2008, o IPHAN realizou seu registro como patrimônio cultural brasileiro juntamente com o modo de fabricação do queijo da Serra da Canastra e do Salitre. Em seguida, no ano de 2009, o IPHAN registrou o ofício dos sineiros e o toque dos sinos nas cidades de São João del-Rei, Congonhas, Ouro Preto, Mariana, Catas Altas, Diamantina, Sabará, Serro e Tiradentes. O Jongo no Sudeste, também presente na região de Carangola-MG, foi registrado como patrimônio cultural brasileiro em 2005. Alguns anos depois, o IEPHA realizou o registro da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte (2013), da Comunidade dos Arturos, em Contagem (2014) – primeiro registro de uma comunidade tradicional como patrimônio cultural – das Folias de Reis de Minas (2017), dos saberes, o ofício de arte e de artesão e as expressões artísticas relacionadas ao artesanato em barro do Vale do Jequitinhonha (2018),

a Comunidade Quilombola Manzo Ngunzo Kaiango (2018), e dos saberes, linguagens e expressões culturais da viola (2018).²³

Não obstante ao registro de algumas manifestações culturais como patrimônio cultural imaterial em níveis nacional ou estadual, nota-se que várias tradições não são registradas, nem mesmo valorizadas e reconhecidas pelo próprio município de onde provém. À nível municipal, constam no Livro de Registros dos Bens Culturais de Natureza Imaterial do Município de Mariana, a Festa do Divino, a Congada, o artesanato, a fabricação de tapetes em festividades religiosas como Semana Santa e *Corpus Christi*, a Banda São Caetano (1836), do distrito de Monsenhor Horta – considerada a banda mais antiga de Mariana, a paisagem do Pico do Itacolomi e a Folhinha de Mariana.

A Banda União XV de Novembro, assim como as outras dez bandas que compõem o cenário musical do município de Mariana e que são verdadeiras escolas de música, embora cumpram um papel importante na constituição da identidade e da História social local e de Minas Gerais, ainda aguardam o reconhecimento e registro como patrimônio cultural pelo poder público. Para efetivação desse processo, que tem como objetivo a salvaguarda das bandas mineiras, a participação da comunidade e de seus músicos como um coletivo é fundamental. Conforme o relato do sub-regente e músico José Geraldo da Silva, “A banda União tem uma importância enorme. Não sei falar sobre a história de Mariana sem mencionar a história da banda União XV de Novembro”.²⁴

Notas finais

A trajetória da Sociedade Musical União XV de Novembro, hoje com 120 anos, se conecta à história da própria cidade de Mariana, pois a banda marcou presença em diversos momentos e principais acontecimentos do município, ativando memórias coletivas e despertando um sentimento de pertencimento entre seus músicos e moradores. Atualmente, a União XV de Novembro é composta por 26 membros em sua diretoria e cerca de 60 músicos,²⁵ tendo como presidente José Marcelo da Silva e como maestro José Raimundo. A banda conta com o apoio e auxílio financeiro da comunidade local e do poder público para compra de instrumentos musicais, confecção de uniformes e manutenção de sua sede, bem como conservação do seu acervo documental, para continuidade de suas práticas culturais. Um dos principais problemas enfrentados é em relação à conservação dos seus documentos. De acordo com o arquivista e músico, José Raimundo da Silva, o acervo da banda é composto por centenas de partituras, muitas do século XIX e início do XX, e que necessitam de restauro.²⁶ Gislaíne Fernanda da Silva, advogada, saxofonista e conselheira da banda, relatou em entrevista à Crislen Machado, em janeiro de 2018, que uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo grupo está relacionada à falta de verba. Segundo a saxofonista, a

²³ Ver lista de bens registrados nos sites do IPHAN e IEPHA, disponíveis em: <http://portal.iphan.gov.br>; <http://www.iepha.mg.gov.br/>. Acesso em: 17 de julho de 2021.

²⁴ Ver entrevista realizada para o documentário *Encontro com a União – um olhar para o Passado, Presente e Futuro*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s6tcIrRXQvw>, Acesso em: 27 de setembro de 2021.

²⁵ Ver website da banda União XV de Novembro. Disponível em: <http://www.uniaoxxvdenovembro.com.br/jornais/jornal>, Acesso em: 17 de julho de 2021.

²⁶ Ver entrevista realizada para o documentário *Encontro com a União – um olhar para o Passado, Presente e Futuro*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s6tcIrRXQvw>, Acesso em: 27 de setembro de 2021.

verba repassada pela prefeitura “não cobre completamente os gastos que incluem manutenção da sede, dos instrumentos, uniformes e transporte para os membros que moram longe e não têm condições de vir”.²⁷

Da principal função atribuída no ato de sua criação, a propaganda republicana, resta a memória do grupo expressa nos jornais da época, nas partituras, fotografias, relatos e demais documentos do acervo da banda. Os músicos que a integram iniciam o seu aprendizado na escola da banda e muitas vezes se profissionalizam, tornam-se regentes, membros de corporações maiores e ingressam em cursos superiores de universidades (FERREIRA, 2007, p. 19). Muitos músicos atuais são filhos e netos de ex-membros. Os membros da banda, que abriga gerações de músicos, preocupam-se com a preservação da sociedade musical e continuidade de suas práticas culturais. O músico Edson Carlos Serra, carpinteiro, trompista e trompetista relatou à Machado “Passei os melhores anos da minha vida aqui. O que me move é o amor que sinto por esse lugar”.²⁸ Além dos problemas e preocupações relatados pelos músicos, recentemente a banda teve que paralisar suas atividades em razão da pandemia da Covid-19,²⁹ enfrentando novos desafios. Espera-se, portanto, que o Estado se comprometa em suas diversas instâncias a instituir políticas públicas voltadas para o reconhecimento e a salvaguarda das bandas de música de Mariana e demais localidades – como incentivo a pesquisas, inventários, registro e proteção – e que garantam efetivamente a manutenção e continuidade de suas práticas culturais para as próximas gerações.

Referências bibliográficas

- ABREU, Martha. “A invenção de um Brasil musical nas ‘histórias da música brasileira’”. In: **A invenção de um Brasil musical: o século XIX (1857-1900)**. (Artigo publicado nos anais produzido no Seminário em 07 de abril de 2010). Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010.
- ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um Sargento de Milícias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1965.
- ANDRADE, Mário. **A música no Brasil**. Curitiba: Editora Guairá, 1941.
- BERTUSSI, Aideone. **Banda do Alto da Cruz**. Ouro Preto: Imprensa Universitária da UFOP, 1986.
- BATISTA, Nylton Gomes. **Banda de Música: a alma da comunidade**. Ouro Preto: Imprensa Universitária da UFOP, 198?.
- BIASON, Mary Ângela. (org). **Anais do I Seminário de Música do Museu da Inconfidência: Bandas de música no Brasil**. Ouro Preto: Museu da Inconfidência, agost. 2008.
- BINDER, Fernando Pereira. **Bandas militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889**. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, out. 1988.

²⁷ Ver entrevista concedida à Crislen Machado, para *O Lamparina*, 30 de janeiro de 2018 – *site* de notícias e reportagens que aborda o cotidiano da Região dos Inconfidentes. Disponível em: <https://lamparinaufop.wordpress.com/2018/01/30/tradicao-e-modernidade-juntas-por-um-ideal/>. Acesso em: 17 de julho de 2021.

²⁸ Ibid.

²⁹ Os ensaios em sua sede foram retomados somente em julho de 2021, mantendo os devidos protocolos de segurança.

- COELHO, Eduardo Lara. **Coalhadas e rapaduras:** estratégias de inserção social e sociabilidade de músicos negros – São João del Rei, século XIX. Dissertação defendida no curso de pós-graduação em história da Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2011.
- COSTA, Manuela Areias. **Notas sociais:** as práticas da banda da Sociedade Musical São Caetano (1890-1930). 2010. 93f. (Monografia em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2010.
- COSTA, Manuela Areias. **Vivas à República:** representações da banda “União XV de Novembro” em Mariana-MG (1901-1930). Dissertação defendida no curso de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- DINIZ, André. **O Rio musical de Anacleto de Medeiros:** A vida, a obra e o tempo de um mestre do choro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- DUPRAT, Régis. “Uma pesquisa sobre a música popular brasileira do século XIX.” In: Mary Ângela BIASON. (org). **Anais do I Seminário de Música do Museu da Inconfidência:** Bandas de música no Brasil. Ouro Preto: Museu da Inconfidência, agost. 2008.
- FERREIRA, Heloísa. **Centro de Memória Musical “União XV de Novembro”.** (Monografia, curso de História), Universidade Federal de ouro preto Mariana, 2007.
- GRANJA, Maria de Fátima. **A banda:** Som e Magia. Dissertação (Mestrado em Sistema de Comunicação) – Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.
- HOLANDA. Sérgio Buarque de., et al. **História Geral da Civilização Brasileira.** Rio de Janeiro/São Paulo: Diefel, v.3,1976.
- IPHAN. **Os sabores de Mariana.** Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2009.
- LANGE, Francisco Curt. La música em Minas Gerais: um informe preliminar. Boletín Latino-americano de Música. Tomo VI, 1ª parte. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1946.
- LANGE, Francisco Curt. “A música do período colonial em Minas Gerais”. In: **Seminário sobre a cultura mineira no Período Colonial.** Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura Mineira no Período Colonial, 1979.
- MANSUR, Elias Salim. **Súmula Histórica da Sociedade Musical União 15 de Novembro.** Mariana, s.e., 1951.
- MONTEIRO, Maurício. **A construção do gosto:** música e sociedade na Corte do Rio de Janeiro – 1808-1821. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- MELLO, Guilherme Teodoro Pereira de. **A música no Brasil:** desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da República. Salvador: Tipografia de S. Joaquim, 1908.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é Patrimônio:** um guia. Rio de Janeiro: FGV, 2008
- PRECIOSO, Daniel. “Aspectos da música religiosa na colônia: regentes, compositores e instrumentistas pardos (Vila Rica, 1770-1808)”, **Histórica**, n. 50, out. 2011.
- REZENDE, Conceição. “A música integrada no fenômeno social do século XIX.” In: **III Seminário sobre a cultura mineira do século XIX.** Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1982.
- ROCHA, Gentil. **Banda do Rosário.** Ouro Preto: Imprensa Universitária da UFOP, 1986.
- SALLES, Vicente. **Sociedade de Euterpe:** as bandas de música no Grão-Pará. Brasília: Edição do Autor, 1985.

- SANTIAGO, P. Jorge. “Das práticas musicais aos arquivos vivos: bandas brasileiras, literatura local e a cidade”. In: **Revista Redial**, nº 8/9, 1997/1998. pp.189-200.
- SANTOS, Waldemar de Moura. **Sessenta Tempos: 1901 – 15 de Novembro – 1963**. Mariana: Imprensa Oficial, 1963.
- SEVCENKO, Nicolau. “O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusão do progresso.” In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil – República: da Bella Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.3.
- TEIXEIRA, Clotildes Avelar. **Sob o toque da União**. Mariana: Sociedade Musical União XV de Novembro, 2001.
- TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- VITORINO, Mônica. **A banda São Sebastião**. Ouro Preto: Imprensa Universitária da UFOP, 1986.